



Moção 25 de Abril

Memória, Resistência e Liberdade

Na madrugada de 25 de Abril de 1974 os militares do Movimento da Forças Armadas deram início à acção militar que pôs cobro a 48 anos de regime fascista. A acção então empreendida foi o corolário de anos de resistência do povo português, resistência essa que teve várias expressões ao longo de todo período da ditadura. Se o 25 de Abril tem os seus operacionais, não podem ser esquecidos todos os que com o sacrifício das suas vidas, da sua condição física, do bem-estar das suas famílias, foram obreiros dos alicerces da enorme obra colectiva que é a libertação do nosso país.

O 25 de Abril não tem donos, mas teve os seus construtores, honremo-los pois!

Na nossa freguesia, como foi lembrado na sessão solene dos 50 do 25 de Abril, a luta contra a ditadura fez-se no Vavá, na cidade universitária durante a crise académica, mas também em casas clandestinas como lembrou Domingos Abrantes, resistente antifascista agraciado com a medalha da freguesia nessa sessão.

É necessário que a população da Freguesia saiba que a oposição ao regime sempre esteve aqui presente, que muitas das nossas ruas têm marcas indeléveis da luta pela liberdade, mesmo que não se vejam ou não estejam assinaladas.

No Laboratório de Engenharia Civil existia uma forte célula do PCP e um forte núcleo do MUD Juvenil e da oposição democrática.

Na nossa Freguesia funcionaram numerosas casas clandestinas desde os anos 40 até quase ao 25 de Abril, nomeadamente no Pote de Água, Av. do Brasil, Av. Rio de Janeiro, Rua Gama Barros, Bairro de São Miguel, Rua de Entrecampos e Frei Miguel Contreiras. Várias destas casas foram assaltadas pela PIDE e os seus ocupantes presos, incluindo alguns dos mais destacados dirigentes do PCP à época.

Na Av. do Brasil, n.º 164 – 2.º Dt.º funcionou uma tipografia clandestina, onde foi editado o Avante durante mais de um ano.

O pintor José Dias Coelho, assassinado em 1961 pela PIDE, a quem Zeca Afonso dedicou a canção «O Pintor morreu», viveu clandestinamente na Av. Rio de Janeiro, n.º 4, 4.º Dt.º, casa onde funcionou uma oficina de falsificação de documentos, trabalho essencial à defesa da actividade clandestina.

A solidariedade para com os perseguidos políticos teve uma enorme importância. Também nesta área a nossa Freguesia regista casos de significativo espírito solidário:

- **Professora Belmira** – Bairro de S. Miguel – A casa da professora Belmira, acolheu, durante anos sucessivos, ex-presos políticos saídos da cadeia, sem casa, sem trabalho e até sem família. Acolheu igualmente crianças que tinham os seus pais presos, ou na clandestinidade.
- **Vitória Galacho** – Rua de Entrecampos – Na casa da Vitória Galacho e seu companheiro viveram dirigentes clandestinos do PCP e acolheu durante muito tempo uma criança cujos pais foram presos e a mãe acabaria por ser assassinada pela PIDE.
- **Flora Magro** - Rua António Patrício, a mãe Flora para centenas de presos e suas famílias. Esta mãe, caminhou durante 25 anos para a sede da PIDE ou para as cadeias fascistas, para tentar saber se os familiares estavam vivos ou visitá-los: filho, nora, genro e netos. O filho, José Magro, esteve preso durante 21 anos. Só soube da morte do filho quando já estava enterrado há dois meses. Flora Magro é uma genuína cidadã de honra da nossa Freguesia.

A nossa Freguesia deu o seu contributo para que os portugueses tivessem a liberdade e passassem a viver em Democracia. Um património que nos honra e que deve ser conhecido para que Abril perdure.

Assim, a Assembleia de Freguesia de Alvalade, reunida a 29 de Abril de 2025, delibera:

1. Saudar o quinquagésimo primeiro aniversário do 25 de Abril de 1974;
2. Saudar todas as comemorações e todos os que nela participaram;
3. Propor à Junta de Freguesia fazer o inventário dos locais de luta pela liberdade na nossa freguesia para que seja criado o Roteiro da Liberdade de Alvalade.

Lisboa, 29 de Abril de 2025

Os eleitos da CDU na Assembleia de Freguesia de Alvalade